

O POPYRO.



PERIÓDICO PURAMENTE LITTERARIO.

REDACTORES: Domenico Zampieri e Licio Druso.—Proprietario Viriato Braziliense.

Publica-se duas vezes por meiz: assigna-se a 25000 per trimestre, (pagamento adiantado), na Rua Bella n.º 34. Aceitão-se, e agradece-se, artigos de col-
liberação, sendo bem escriptos: não se restituem os autographos não publicados. Este periodico jamais entreterá polemicas com quem quer que seja.
Artigos a pedido,—somentes annuncios,—a 100 reis a linha. N.º avizo 360 rs.

Trimestre 1.º

Theresina, 10 de Junho de 1874.

Numero 2.

Collaboração

SONETO.

Fecunda o sol á terra, e de seu seio
Milhares faz brotar de lindas flores;
Mas esses olhos teus, creando amôres,
Excede-o em seu vigor,—segundo creio!

Gelado era meu peito—quando veio
Um só d'aquelles raios, que em fulgores
Vence muito aos do sol—com sete côres
Si teve lindo prisma de perneio....

E eis que o meu coração se torna um prado
Em que viceja a flor do sentimento
O mais terno, mais puro e delicado!

Bem digo, pois, em fim, esse momento
Em que fui por teus olhos transformado
Um pedaço de gelo—em flôreo assento!....

Theresina, 23 de julho de 1861.

D. M. C.

Delirio phantastico.

Sabes tu, Branca de Lizely, quem é aquella mulher moça e pallida,—bella e desgrenhada, que um dia banhou de lagrimas e ungio de precioso balsamo os pés do Christo, — enxugando-os depois com suas formosas madeixas?...

Sabes tu, Branca, quem é aquella imagem da dor e do arrependimento—profundo e sincero—que um dia se abraçou aos pés da cruz; tornando-se, de peccadora que era, uma creatura sublime, uma filha querida do Senhor?....

Aquella mulher é a Magdalena! A mulher perdida que chorou amargamente as suas enormes culpas e que não tendo amado a ninguém, durante a sua peregrinação pelo caminho do vicio,—afinal amou tanto, amou tão do intimo de seu coração, amou tão ardentemente e com tanta pureza,—que Deus lhe perdoou todo o seu passado cheio de erros e abençoou o seu futuro, que era as portas do céu que se lhe abrião de par em par, pela remissão de seus grandes peccados: ella então se tornou cheia de graça,—porque os remorsos lhe havião purificado o lutulento coração, que regenerou-se á vista dos estupendos milagres que praticava o Homem-Deos, o enviado do Eterno Pai para a redenção do genero humano!

A Magdalena é um vulto angelico, desde que as suas sinceras lagrimas lavárão-lhe a alma ennegrecida pelo fumo das paixões aviltantes; tornando-se afinal tão branca como o teu nome,—tão branca como a neve,—porque é certo que o arrependimento, verdadeiro e profundo, opéra n'um ser moral miraculosas transformações, mais perfeitas do que as dos agentes chymicos em um corpo physico!

A Magdalena tornou-se, em fim, bem-aventurada; a mulher perdida tornou-se como que uma vestal; a mulher ignobil tornou-se por ultimo—tão grande, tão sublime, que Deus lhe perdoou as suas enormes culpas, por causa do filho santissimo cujos pés sagrados, ella, a peccadora, havia banhado ternamente com suas lagrimas ardentes,—perfumado com precioso balsamo—e enxugado com os seus proprios cabellos!....

O meu perdão, mulher, eu te daria,
Si me voltasses—qual ninguém resiste:
Esparsos os cabellos sobre os hombros,
Arrependida, lacrimosa e triste!...

Como saber, porem, que te arrependes?
Que não finges amor, na contricção?...
Como lerei no fundo de tua alma,
E como sondarei teu coração?

O Christo fez milagres, fez prodigios,
—Por isso a Magdalena arrependeo-se;
Thannaturgo não sendo o teu amante,
Remediar não pôde o que perdeo-se....

Entretanto, mulher, qual novo Christo,
Daria o meu perdão—s'inda me amasses;
Si tu, arrependida de ultrajar-me,
—Não meus pés...mas as faces me enxugasses!..

Theresina, maio, 74.

CONDE DE NANCEY.

O POPYRO.

THRESINA, 10 DE JUNHO DE 1874.

ESBOÇO ROMANTICO.

UM DISCURSO—E A COR DE UM VESTIDO.

I

Carlos era um rapaz de vinte annos, pouco mais ou menos; moreno; fleugmatico; de olhos, umas vezes, languidos,—outras, de um brilho inquieto; tímido e triste, ou affeito e alegre, conforme as idéas que lhe preoccupavão a mente, que não era das mais boçães, sêja isto dito de passagem e em honra do nosso personagem.

Candida Sorelina, era uma menina de quinze annos, cuja physionomia e dotes naturaes, só poderieis encontrar descriptos no mais bem acabado romance, onde um escriptor consummado põe em relevo, como esculptor ensigne, o retrato de sua heroína: quanto a mim, não seria capaz de esboçar—nem os traços mais geraes da physionomia de Sorelina; que tão encantadora era ella, que eu, receioso de desfigurá-la, deixo antes que o leitor imagine, se podér, esse typo de belleza que seria bastante para exaltar o cérebro escandecido de um poeta! Que é a casta de gente mais tola que ha; segundo dizem os aspirantes a um rico dote; não eu,—que com estes ultimos não faço liga,—e sympathiso com os que fazem versos, pelo menos soffríveis!

II

Um dia, não sei de que anno, porque agora me não lembro bem; mas, que todavia não pertence á gerações passadas;—chegando á cidade de R... o general C... e tendo o visconde de S... oferecido um magnifico jantar, ao general, ao qual assistirão as pessoas mais gradas da cidade, inclusive algumas senhoras de distincção, entre as quaes comprehendia-se a interessante Sorelina; Carlos, que era um dos convivas, teve occasião de fazer uma saude ao general, servindo-se de um pequeno mas bem acabado discurso, que foi de alguma sorte bem acceito e applaudido.

III

Logo no seguinte dia, depois do jantar dado em casa do visconde de S..., Sorelina recebia a visita de uma sua amiga de nome Elizabeth, que não tinha assistido ao jantar de que acabo de fallar, e que por isso mesmo exigia de sua amiga, que o tinha assistido, lhe fizesse uma fiel descripção: ao que a bôa Sorelina annuo; não esquecendo-se de repetir, palavra por palavra e com a exactidão de um tachigrapho, a saude que Carlos havia feito e que ella parecia ter achado melhor do que tudo quanto apparecera de mais esplendido nesse banquete! Elizabeth, que sabia bem o quanto Sorelina amava estremecidamente a Carlos, pergunta maliciosamente a esta—si Carlos, com igual fidelidade, se lembraria por ventura qual era a côr do vestido com que ella se tinha apresentado em casa do visconde para assistir ao jantar.... Quando Sorelina ia responder, Carlos entrava na sala, e depois de comprimentar as duas môças, sentou-se n'um sophá, quasi indolentemente e como quem meditava alguma cousa.

—Bôa occasião, diz Elizabeth, bôa occasião de sabermos se o sr. Carlos se recorda ou não, com que vestido apresentou-se Sorelina em casa do visconde!... O que diz a isso sr. Carlos?

—Minha senhora, eu a fallar a verdade, não me lembro bem; porque estava muito distraído, ouvindo o general fallar de batalhas, e o visconde de politica....mas, creio que o vestido de que se trata era rôxo.

—Era branco, sr. Carlos, era branco! E a amiga de Sorelina poz-se a rir, de modo a fazer Carlos ficar bastante enfiado.

IV

Sorelina não disse palavra; mas a sua alma sensivel sentiu como que um punhal frio e agúdo traspasar-lhe o coração!... Ella pensou lá consigo, tristemente: Eu esmerei-me tanto no meu trajar, para que fosse vista por Carlos; e elle não me viu! E elle não dá noticia, siquer, da côr do meu vestido! Por certo que não me enfeitei para que generaes e viscondes me vissem!... E com tudo, um olhar de Carlos, nem ao menos, de tantos que elle teve; não bastou para que me visse, como eu merecia e desejava ser vista!

Oh! e eu que pensava não ser elle tão distraído

ou antes tão pouco amoroso.... Será uma cousa estúpida, isso de côr de vestidos? Quem sabe!... Ha um anno que eu fui áquelle baile dado pelo commendador Z... em que Carlos dançou commigo duas quadrilhas...perguntem agora a elle que côr era a do meu vestido, nesse baile; que elle não saberá dizer que era azul com flores brancas; imitando, assim, o céu recamado de estrelas quando apparecem os primeiros albôres da manhã! Perguntem mesmo, a elle, que côr era a do vestido que eu levei no dia d'aquella festa que ainda no domingo passado é que teve logar na egreja de Santa-Cruz... perguntem, que elle não saberá dizer que o meu vestido era côr de rosa.... Ah!.....

V

E Sorelina, absorvida em seus pensamentos dolorosos, maldizia interiormente as sete côres do prisma; ella que alias daria até a propria vida para saber a côr que seria capaz de impressionar vivamente ao distraído Carlos! Neste entrequanto a amiga de Sorelina conservava-se silenciosa como os dois; olhando-os alternativamente, e tendo pena de um delles, porque sabia o quanto dóe ouvir-se dos labios de quem se ama uma expressão que vem destruir um sonho, uma illusão querida! Afinal vai quebrar-se a mudez que reina horriavelmente na sala: Elizabeth, balançando significativamente a cabeça, diz com vivacidade:

—Pois olhe, sr. Carlos! Candida Sorelina recitou-me de um modo interessante as palavras todas de que o sr. se servio na saude que fez ao general; e o sr. não me soube dizer que côr era a do vestido della nessa mesma occasião! Sr. Carlos.... os homens são muito distraídos!...

VI

Carlos ficou uma estatua, ao ouvir semelhante exprobração! Sorelina conservou-se muda! E só Deos sabe o que ambos sentião e pensavão, quando esta scena foi, por fim, interrompida muito a tempo, pela chegada de novo personagem, que não me encarrego de apresental-o ao leitor, porque aqui não vem ao caso.....

VII

Dizem que Sorelina nunca mais quiz saber de vestidos de côr branca, azul ou côr de rosa; o rôxo ficou sendo a côr de sua paixão, dizia ella: «Porque é esta a côr da violeta!» Carlos, tornou-se famoso pelos seus discursos na Camara dos Deputados, aonde era justamente apreciado como o mais nobre e eloquente orador; posto que elle não se tivesse em tal conta; antes, em particular, dizia frequentemente aos seus amigos—que nunca havia feito cousa melhor do que um pequeno discurso ao general C..., em casa do visconde de S..., no anno de 18...

D. ZAMPIERI.

Horas malditas.

Sabei o que são as horas,
Que nos correm lentamente,
Quando longe de uma amante
Vivemos, soffrendo ausente?

São horas mal encaradas,
Como um judêo usurario;
Lançando em nosso semblante
Tristonho véo mortuario!

São horas envenenadas,
Que paixão entorpecidas,
Vagarosas como um seculo,
—Talvez, do tempo esquecidas!

São horas tão preguiçosas,
Que se arrastão; não caminhão:
Qual aves de máo agouro,
Não voão,—mas só se aninhão!

São horas cheias de espinhos,
Que nos causão mil tormentos;
Que a nossa vida prolongão
Com detestaveis momentos!

São, de certo, horas malditas,
Essas horas desgraçadas;
Na ausencia de nossa amante
Horriavelmente passadas!

LIVIO DRUSO.

Nuvem branca.*(Imitação de Casimiro de Abreu.)*

Branca nuvem que navegas,
Lá para o rumo do norte;
Vai dizer aos meus amôres
Qual a minha triste sorte...

Dize a ella que tu viste
Seu amante suspirar;
Uma lagrima brilhante
Em seus olhos se formar!...

Dize tambem que seu peito
E' sacrario de firmeza;
E' thesouro inexgotavel,
Que ella conte com certeza!

Dize, ainda, que seus labios
Recebem fragrante unção;
Repetindo o nome d'ella
Que repassa o coração!

.

Branca nuvem que navegas
Para a terra aonde moro;

Vai retratar-te nos olhos
D'aquella a quem tanto adoro!

Affirma á minha belleza,
Ao meu anjo sem igual,
—Que vivo scismando n'ella,
Sentindo da ausencia o mal!

Affirma á minha deidade
—Que o meu amôr, em candura,
E' tal que excede até mesmo
A' tua nivea brancura!

Affirma que penso n'ella
Como...nem sei—eu dizer!
—Que abraçado com ella
Grato me fôra o morrer!....

.

Branca nuvem que navegas
Em busca de minha amada;
Quando a vires tristemente,
De saudades demudada...

Equilibra-te nos ares,
Emblema do meu amôr;
Ficando qual uma rosa,
Na hora do sol se pôr...

Equilibra-te nos ares,
—Immensa flôr encarnada,—
Immovel fica depois,
Sobre a cabeça adorada...

Equilibra-te nos ares,
Meu rosto mostrando então;
Toma depois a figura
—De um partido coração....

D. ZAMPIERI.

EPIGRAMMA.**● peralta e a namoradeira.**

—Tenho um coração de palha
Que facilmente se inflamma;
Queres tu servir de facho
Que me faça arder em chamma? .

—Quero sim, que não sou morta!
Ha de arder depressa a palha:
Minha *cabeça de vento*
Assopra—não me atrapalha!

LIVIO DRUSO.

Fabulazinha.

Um dia eu vi, nas margens do magestoso Parnahiba,
dois comoros de areia: um de areia branca, e outro de

areia vermelha. Veio o vento e levantou-os, grão a grão; reunindo-os de novo n'outra parte, para formarem ainda dois comoros; mas cada um heterogeneo nas cores; cada um misturado de areia branca ou vermelha, conforme se tratasse d'aquelle aonde predominasse menos uma das ditas cores. Neste entretanto, passou uma nuvem peneirando alguma chuva miúda por cima dos comoros, e logo appareceu n'elles uma crusta humedecida sobre a camada superior. Então a nuvem pensou lá consigo que seria facil fazer de cada comoro um silex. E chuveo a mais e a melhor, afim de dar consistencia aquillo que a aridez desunha, quando porem conheço que se enganava e que pelo contrario poderia desfazer-o, como os ventos, como a tempestade, só differindo nos meios;—então suspendeo os seus favôres, que começavão já a derreter o comoro. Depois... em quanto houve *humidade* os grãos estiverão conglobados; assim porem que acabou-se aquella, e que o calor os excitou,—a sociabilidade, a união afrouxou, e cada grão de areia tornou-se tão egoísta como d'antes. E' por todos sabido—quaes sejam as ambições de um grão de areia: é ter existencia propria,—distincta,—independente dos outros,—formando corpo á parte, como se fosse uma montanha pelo menos,—tendo brilho de seu, como se fosse um diamante. Um grão de areia não cuida do futuro, e por isso não aprecia as vantagens das leis da cohesão que tanta força tem dado aos rochedos, que ora resistem aos furacões e ás iras do mar.

Algumas vezes, o grão de areia reúne-se a outros, o mais intimamente que lhe é possível; mas isso é unicamente com o fim de partilhar mais commodamente com os seus congeneres, do gozo que lhes resulta de um pouco de *humidade*; a qual, em lhes faltando, faz com que se separem sem ter—a minima saudade uns dos outros! Finalmente, um grão de areia, o que mais deseja talvez, é ser por si mesmo um mundo,—não sendo mais que um atomo; é ser uma estrella,—não sendo mais que uma particula de terra luzidia! E ahí é que está todo o mal; porque cada qual diz para o seu visinho: Não me sacrificarei por ti!

Eis o que são a maior parte dos politicos da nossa terra!

LIVIO DRUSO.

● céo do desgraçado.

(VELEIDADES SCEPTICAS.)

O desgraçado tem um céo negro, tetrico e cheio de nuvens pejudas de electricidade que ameaça fulminal-o a cada instante!

O céo do desgraçado não é abrilhantado pelo *sol* da gloria; não é illuminado pela *lua* da felicidade; não é esclarecido pel *estrella* do amôr: o céo do desgraçado é na verdade um céo todo ameaçador, medonho, tenebroso e povoado de imagens terriveis!...

A gloria! que palavra é esta?... A felicidade! que significa isso?... O amôr! que hyereglifico será esse?...

A gloria é uma mentira; a felicidade é um sonho; o amôr é uma irrisão! Tudo isto é tão verdade, que dirão talvez que eu plagiei este trecho—que é tão bonito de dizer-se, quanto é horrivel de sentir-se, quando a alma se debate nas agonias de um viver miseravel, fastidioso, estúpido até!...

Mentira; sonho, e irrisão: eis o que é minha vida!

Sou athêo do deos dos venturosos; da trindade dos que vêem o universo sempre cheio de luz, vasada por um prisma!

Como o cego, não posso ver o sol; mas estremeço ouvindo fallar n'elle,—dilatando a minhas pupillas, que nada encontram d'quillo que procurão com avidéz.

Como o cego, igualmente, não me é dado gozar dos almos clarões do astro benigno que preside á noite; mas a sua necessidade eu a sinto dolorosamente!

Como o cego, ainda, não serei eu quem contemple enbevecido uma só estrella, que scintillando parece convidar ao homem que lhe admire e lhe renda cultos, como ella merece!... Entretanto, quando eu ouço fallar, por exemplo, na *estrella d'alva*, sinto q' o coração se me confrange, por não poder desfructar sua vista seductora, admirar sua doce claridade,—comprehender sua mysteriosa predilecção pela aurora que é para ella uma terna confidente, uma amiga, uma companheira de innocentes risos!

Eu não sei realmente o que seja a gloria, a felicidade e o amor; imagino porem que são elles: o sol, a lua e a estrella d'alva reflectidas n'um craneo de homem, n'abobada celeste de um pequeno mundo, que supponho ter o nome exquisito de microcosmo!

Eu não sei o que seja a gloria, a felicidade e o amor, por que tudo isso são mundos de luz, girando n'uma esphera transparente para onde os que teem olhos se voltam para contemplar o que é digno de ver-se!... E os meus olhos, como os do mocho agoureiro, parece que se destinão unicamente para contemplar a escuridão, as sinistras imagens da noite, a medonha desordem de um cahos sem luz!

O desgraçado é como o cego, para quem só existe uma realidade diante dos olhos: espessas trevas, quer seja dia, quer seja noite!...

LIVIO DRUSO.

Extracto.

Memorias de um tolo.

Um homem que morreo com fama de tolo, deixou entre os seus manuscriptos uma pagina que diz assim:

No amor duvida. Na politica desconfia. Na virtuda acredita sem provas.

A belleza das mulheres procura-a no espirito, e não no rosto d'ellas.

Não te ensoberbeças com o dinheiro que tens, gosa com o que gastares.

Nos palacios todos são escravos, nas egrejas todos são livres.

Ama e procura a paz na tua alma, na tua familia, no teu povo, no teu paiz.

Tenho 84 annos de idade. Teem-me tido por tolo. Eu tenho visto morrer e padecer muitos avisados.

Aos 22 annos reconheci que na comedia humana, o tolo não precisa de pedir; se sabe representar o seu papel é elle o que vive melhor, e o que ganha mais trabalhando menos.

Não sei se representei bem ou mal o papel de que me encarreguei; no entanto ri-me durante 62 annos d'aquelles que julgavão rir-se de mim.

Gosei de muito mais liberdade do que os outros, não me tornei nunca suspeito nem aos maridos, nem aos amigos, nem aos governos, nem á inquisição.

Se eu tornasse hoje em dia a nascer, a primeira cousa que pedia á minha mãe era que principiasse a ter-me por tolo desde o meu primeiro vagido.

(Da Correspondencia de Portugal.)